

GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

O MODELO TECTÓNICO DA MENTE ILUSTRAÇÃO CLÍNICA DO CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO INTROJETIVA

CRISTINA NUNES¹

RESUMO

O que distingue os modelos pulsionais dos modelos de relação de objeto tem sido, desde há muito, um ponto de discussão acesa na história da Psicanálise. Através do Modelo tectónico da mente, a autora propõe olhar esta questão por um vértice integrativo daquelas duas perspetivas. Revisitando Freud, Kohut e Blatt, o Modelo Tectónico da Mente, através da analogia entre o *self* e a *Terra*, propõe a integração do modelo pulsional na sua dimensão intrapsíquica, com o modelo intersubjetivo e relacional. Tal como a crosta em constante renovação pela influência dos ciclos tectónicos, a mente e a personalidade humana, através de dinamismo equivalente, se desenvolveria e transformaria, num movimento expansivo de equilíbrio, ora mais voltada para os outros, com expressão máxima nas elevações montanhosas da crosta, ora com maior retraimento narcísico, nas depressões protegidas pelo oceano. Da dinâmica tectónica resultaria que as características da personalidade corresponderiam às combinações minerais e texturas assumidas pelas rochas terrestres, determinadas pelo ciclo das rochas, nas transformações que sofrem ao longo do tempo geológico. Ampliando a proposta de Blatt das duas configurações básicas

¹Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica, Psicanalista Didata, Presidente Honorária, Formadora e Supervisora da AP; Membro da Direção e da Comissão de Ensino desde a sua fundação em 2008. Delegada representante da AP na IFPS desde a adesão em 2013; Membro dos Corpos Socias da Federação Portuguesa de Psicoterapia - FEPPSI- desde a sua fundação em 2016

da personalidade – anaclítica e introjetiva- a autora propõe uma terceira, a configuração básica da personalidade mista (self/objeto) por analogia com os três tipos de rochas: sedimentares, ígneas e metamórficas, respectivamente. No desenvolvimento deste novo olhar a autora propõe ainda que a sublimação também poderá ser de três tipos: a sublimação anaclítica, a sublimação introjetiva e a sublimação mista. Termina com uma ilustração de um caso clínico onde se evidenciam os conceitos de configuração da personalidade introjetiva e sublimação introjetiva.

Palavras-chave: Modelo tectónico da mente. Configurações básicas da personalidade- anaclítica, introjetiva e mista. Tipos de sublimação- anaclítica, introjetiva (ilustração clínica) e mista. Trauma. Criatividade.

ABSTRACT:

The distinction between pulsional model and object relation model has always been a central discussion point in the history of psychoanalysis.. By Tectonic model of the mind the author proposes to look this divergence from a different vertex, the integration of those two perspectives. Revisiting Freud, Kohut and Blatt, the Tectonic model of mind, through the analogy between the self and the Earth, proposes to integrate the pulsional model in its intrapsychic dimension, with the intersubjective and relational model. Just like the crust in constant renewal due to the influence of tectonic cycles, the human mind and personality, through equivalent dynamism, would develop and transform, in an expansive movement of balance, sometimes more focused on others, with maximum expression in the mountainous elevations of the crust, sometimes with greater narcissistic withdrawal, in depressions protected by the ocean. From the tectonic dynamics would result that the personality characteristics would correspond to the mineral combinations and textures assumed by terrestrial rocks, determined by the rock cycle, in the transformations they undergo over geological time. Expanding Blatt's proposal of the two basic configurations of personality - anaclitic and introjective - the author proposes a third one, the basic configuration of mixed personality (self/object) by analogy with the three types of rocks: sedimentary, igneous and metamorphic, respectively. In developing this new perspective, the author also proposes that sublimation can also be of three types: anaclitic sublimation, introjective sublimation and mixed sublimation. She ends with an illustration of a clinical case which highlights the concepts of introjective personality configuration and introjective sublimation.

Keywords: Tectonic model of the mind. Personality configurations- anaclitic, introjective and mixed, Types of sublimation- anaclitic, introjective (clinical illustration) and mixed. Trauma. Creativity.

INTRODUÇÃO

Entre os sucessores de Freud várias perspectivas teóricas foram sendo desenvolvidas, tendendo os seus modelos, ora como Freud, mais para o polo pulsional, ora mais para o polo relacional. A discussão à volta dessas duas tendências tem-se mantido acesa ao longo de toda a história da Psicanálise e os vários autores têm-se posicionado mais próximos de um dos polos ou, outras vezes, tentando integrar essas duas perspectivas.

Depois de Freud, a teoria das Pulsões foi sistematicamente criticada por negligenciar o papel do objeto externo na constituição do psiquismo, valorizando a meta da descarga da excitação associada à ideia de trauma por excesso pulsional, onde o objeto é sobretudo o objeto da pulsão. Por outro lado, a focalização da teoria freudiana no estudo das neuroses, associado ao conflito pulsional edipiano em detrimento de outras patologias como as psicoses, perturbações borderline ou até mesmo a depressão, deixam em aberto o estudo do domínio pré-edipiano, que a psicanálise pós-freudiana tenta complementar através da investigação das experiências precoces e da sua relação com as patologias mais graves, não-neuróticas, antes consideradas inalisáveis, mudando o foco das questões triangulares do conflito sexual para as questões diádicas de separação e individuação. Esse novo olhar, tenta apreender a qualidade relacional do par mãe-criança e o seu impacto no desenvolvimento, tendo como organizador conceptual essa relação precoce mãe-bebé, organizador esse fundamental para o desenvolvimento.

Teorias como a das relações de objeto, da Psicologia do Self ou Ego, ou da corrente interpessoal americana desenvolveram esse vértice objetal na compreensão do psiquismo, desvalorizando o aspeto intrapsíquico do sujeito, do mesmo modo que Freud havia desvalorizado o objeto, mas isso não significa, do nosso ponto de vista, que haja incompatibilidade entre a perspectiva pulsional e a relacional.

Autores como Bion, Antonino Ferro e Green, entre muitos outros, parecem poder retomar o pensamento de Freud, na sua focalização intrapsíquica pulsional, ao mesmo tempo que valorizam a intersubjetividade relacional, assumindo a pulsão e o objeto uma relação de codeterminação (Green, 2003).

Para Green (2008) o intersubjetivo enfatizado pelas teorias relacionais e o intrapsíquico valorizado pela teoria das pulsões complementam-se na compreensão do fenómeno global que é a “causalidade psíquica”, que nasce da articulação entre ambos (Green, 2002). Ainda de acordo com Green (1995) a pulsão não é psíquica na sua fonte (instinto), mas apenas se torna psíquica no encontro com o objeto, que assim revela a pulsão formando um par inseparável, importando fundamentalmente compreender a sua dinâmica.

Apesar de sobrevalorizar o polo pulsional face ao objetal, talvez tentando enfatizar o que pensava trazer de novo e original, Freud não deixa de referir o objeto como parte integrante do funcionamento mental desde o início da sua obra, designadamente através dos conceitos de representação mental do objeto, de identificação ou de Eros e sua articulação com as relações entre o Eu e o Objeto (convocando igualmente Tanatos).

De igual modo, os autores que enfatizam o polo objetal, atribuem, em geral, um lugar considerável ao papel da parte instintiva no desenvolvimento psicológico do sujeito. São exemplo disso, entre muitos outros, Kohut e Blatt, que, apesar de se identificarem claramente com as teorias relacionais de vinculação objetal, não deixam de, tal como Freud, contribuir para uma visão global em que se podem complementar harmoniosamente as perspectivas pulsional e objetal.

A teoria freudiana considera que o desenvolvimento se dá através de etapas psicosexuais, associadas à zona erógena dominante. Acontecimentos disruptivos ao longo do desenvolvimento podem determinar a fixação da libido numa dessas fases, determinando pontos nodais de regressão nos desenvolvimentos patológicos, geralmente decorrentes de conflitos entre o Ego e as tendências sexuais incompatíveis com as suas exigências éticas, associados a vivências edípicas.

Freud (1923) afirma que o Ego recalca ou tenta eliminar defensivamente essas tendências discordantes, regredindo a fases de desenvolvimento e a posições objetais anteriores onde se encontravam fixações infantis que acedem à consciência, pela urgência de se expressarem, originando o sintoma (satisfação sexual substitutiva).

Aquela ameaça à dominância do princípio do prazer, poderá provocar uma espécie de desligamento preventivo, através da pulsão homeostática Tanatos, com o conseqüente corte da cadeia associativa, impedindo a representação ou separando-a do afeto, regredindo ao momento de acomodação/equilíbrio anterior. Este movimento regressivo funciona assim como uma tentativa de religar o sistema, através de Eros, pulsão de vida, fusionada com Tanatos, de modo a fazer entrar novamente na cadeia associativa da representação, ainda que deslocado, o conteúdo proibido.

A forma mais elevada de operar esse religamento ou satisfação sexual substitutiva é, segundo Freud, através da sublimação. Em "Totem e Tabu", Freud (1913), vem considerar também que a sublimação não obrigará necessariamente ao recalçamento, ao contrário de outras formações sintomáticas. Por outro lado, afirma que o processo de sublimação está diretamente ligado ao funcionamento pulsional e ao self idealizado através do ideal do eu (1914) e que a sublimação poderá implicar a suspensão do recalçamento sem des-sexualização da pulsão, criando um novo objeto de investimento, esse sim des-sexualizado ou desligado da libido (1915).

Por seu lado, Kohut, considera que os seres humanos precisam de afeto, empatia e comunicação desde o princípio de vida, sublinhando a importância fundamental do objeto nesse período inicial. Através do seu conceito de *optimal frustration* (Kohut, 1984) assinala a área de tolerância às falhas ocasionais dos pais nas funções empáticas de amar e admirar. Define-o como decepções toleráveis, que permitirão o estabelecimento de estruturas internas que facilitarão a transição progressiva do sentimento de self grandioso para o de auto-estima e confiança. Incidentes disruptivos, acima daquele nível de tolerância obrigariam a criança a recorrer a estruturas defensivas compensatórias desadequadas ou inadaptadas, disrupção essa comparável ao conceito freudiano de trauma (Kohut, 1977).

De acordo com este autor (Kohut, 1985), a gravidade da patologia dependerá do período de desenvolvimento em que se dá o incidente disruptivo; se acontecer no período pré-edipiano inicial, haverá uma disrupção severa na capacidade da mente se expandir e restaurar o narcisismo (funcionamento psicótico); no período pré-edipiano tardio haverá uma tendência sexualizante que surgirá como mecanismo de compensação para as necessidades narcísicas insatisfeitas (funcionamento Borderline) e se ocorrer no período edipiano haverá lugar a estratégias compensatórias de procura constante de aprovação e admiração dos outros bem como a constante procura de objetos a idealizar (funcionamento neurótico).

Kohut (1984) defendeu que o desenvolvimento se daria através de um arco de tensão de desenvolvimento do self entre um eixo de grandiosidade e um outro eixo de idealização, cujo desenvolvimento originaria, através da internalização, a construção das ambições, centrado no próprio no eixo de grandiosidade, e dos ideais ligados à experiência e idealização do outro no eixo de idealização.

Aparentemente inspirado por Kohut, Sidney Blatt (1990, Blatt & Shichman, 1983) vem propor que o desenvolvimento da personalidade implica uma interação entre dois eixos ou processos fundamentais: o eixo de auto-definição e o eixo do relacionamento.

As tarefas que delimitam essas linhas desenvolvimento são para o eixo do relacionamento o estabelecimento de relações interpessoais cada vez mais maduras, recíprocas, mutuamente satisfatórias, estáveis e duradouras e para o eixo de auto-definição o estabelecimento de uma identidade ou de um sentido do self como consolidado, diferenciado, realista, essencialmente positivo, estável e cada vez mais integrado. Na parte final do desenvolvimento, diferentes aspetos destas duas linhas fundamentais seriam integrados num sentido de self na relação.

De acordo com o autor (Blatt 1990; 1995; Blatt & Shichman, 1983), embora idealmente essa integração devesse ser equilibrada, poderá ser posto uma ênfase maior numa das duas linhas de desenvolvimento por pessoas saudáveis, definindo assim dois estilos ou duas configurações básicas de personalidade, a anaclítica e a

introjetiva, que apresentam modos particulares de cognição, diferentes estilos de relação e diferentes mecanismos defensivos.

A configuração anaclítica será sobretudo orientada para o objeto, focando-se preferencialmente em afetos, aspectos sintéticos e integrativos do todo, com pensamento mais intuitivo e sentimental na procura da confiança e bem-estar nas relações, sendo essas pessoas tendencialmente dependentes do campo. Valorizam a intimidade, sendo o seu modo instintivo principal o libidinal. Recorrem sobretudo a mecanismos defensivos de tipo evitante (recalcamento e negação, por exemplo).

Ao contrário, a configuração introjetiva colocará a ênfase na análise e na exploração crítica dos detalhes e das partes, através de um pensamento literal, sequencial e crítico, valorizando as ações, a conduta, a lógica, a consistência e a causalidade, tendendo os indivíduos a ser independentes de campo. Objetivam a assertividade e o prestígio, bem como o controlo e o poder. O seu modo instintivo principal envolve a agressividade e a assertividade ao serviço da auto-definição e o desejo básico é ser reconhecido, e admirado, podendo apresentar tendência para o isolamento social e para serem excessivamente críticos em relação a si e aos outros, usando preferencialmente mecanismos de defesa de tipo neutralizante (projeção, intelectualização, formação reativa, sobrevalorização ou isolamento do afeto, por exemplo).

Blatt (1991, 1995) acredita que o desenvolvimento da personalidade se processa e organiza através de Esquemas Cognitivo-afetivos, que se desenvolvem à medida da maturação psicológica pela acomodação e integração das novas experiências.

Blatt (1991, 1995; Blatt & Lerner, 1983) descreve o processo de desenvolvimento dos esquemas cognitivo-afetivos e as perturbações que nele podem ocorrer. Os esquemas vão-se desenvolvendo à medida que ocorre a maturação psicológica do indivíduo e que este vai vivenciando exigências de diversos tipos. Quando estas exigências são adequadas à idade, a criança é capaz de alterar os seus esquemas de forma a acomodar a nova experiência, mas quando as exigências são persistentes e ultrapassam a capacidade de acomodação da criança, pode verificar-se uma perturbação no desenvolvimento dessas estruturas cognitivo-afetivas.

Através das repetidas interações com as figuras de vinculação, a criança constrói uma concepção do comportamento dessas figuras, bem como uma concepção do self na relação e ainda, expectativas sobre o que são as relações interpessoais. Estes modelos internos, organizam e determinam o desenvolvimento da personalidade.

As representações mentais têm componentes conscientes e inconscientes, que servem como guias, organizando e dirigindo o comportamento individual, particularmente nas relações interpessoais. Tendo por base uma integração de conceitos das teorias cognitivas, das teorias psicanalíticas do desenvolvimento

e da teoria da vinculação, Blatt especifica vários pontos nodais de fixação no desenvolvimento dos esquemas cognitivo-afetivos. Perturbações nesses pontos associam-se com diferentes tipos de psicopatologia.

O primeiro nível de esquema cognitivo-afetivo, após o nascimento, pode ser designado como constância dos limites. O segundo, denominado constância libidinal, desenvolve-se por volta dos seis meses, sendo esta aquisição imperativa para o desenvolvimento de uma vinculação segura. Por volta dos 18 meses um terceiro esquema cognitivo emerge, denominado constância evocativa, evidenciando-se por essa altura os padrões de vinculação segura e insegura. Por volta dos três anos, verifica-se a emergência da constância do self e do objeto onde os conceitos de self e de outro se desenvolvem numa interação recíproca. Por volta dos seis anos, a criança adquire o pensamento operatório concreto permitindo o estabelecimento de estruturas triádicas, como resultado da internalização da situação Edípica e mais tarde, no início da adolescência, passa a expressar-se de forma mais abstrata, através do pensamento operatório formal (Blatt, 1991). Ao longo da vida emergem ainda mais dois esquemas, a identidade pessoal na adolescência e a integridade na adultícia.

Figura 1- Modelo de Desenvolvimento Psicológico segundo Blatt (adaptação da autora)



Para o representar Blatt & Blass (1990, 1992, 1996) reformulam o modelo de Erikson, acrescentando-lhe um novo estágio, cooperação-alienação (6-9 anos), associando seis dos nove estágios à linha de auto-definição /separação e os restantes três à do relacionamento/vinculação, conforme esquema seguinte.

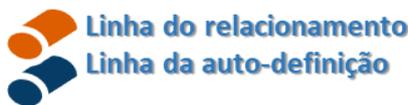
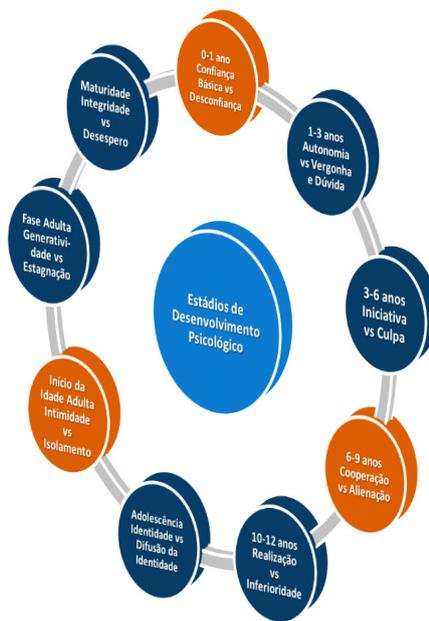


Figura 2- Esquema de Erikson adaptado por Blatt com acréscimo estágio Cooperação vs Alienação (adaptação da autora)

Para Blatt as diferentes formas de psicopatologia podem ser vistas como uma centração excessiva nas tarefas de uma das linhas, anaclítica ou introjectiva e pelo evitamento defensivo das tarefas da outra.

As relações da criança com as figuras significativas podem ter um impacto nocivo no desenvolvimento e favorecerem a ocorrência de psicopatologia, mas certas relações posteriores podem minimizar ou eliminar a vulnerabilidade inicial, compensando as rupturas anteriores.

Segundo Blatt (1990, 1991, 1995, Blatt & Shichman, 1983) experiências traumáticas acumuladas, como perturbações das relações da criança com as figuras significativas, em associação com predisposições biológicas, poderão levar o indivíduo a desenvolver sintomas psicopatológicos, consideradas manobras ou tentativas compensatórias e distorções do desenvolvimento normal. Essas formas psicopatológicas podem ocorrer em vários níveis de desenvolvimento, sendo tanto mais graves quanto mais precoce tiver sido a situação disruptiva e adquirir características diferenciadas consoante o posicionamento relativo no contínuo auto-definição/relacionamento.

Se o processo normal de desenvolvimento for perturbado numa determinada fase, sem que condições posteriores possam minorar essa perturbação, as dificuldades experienciadas vão repetir-se, consolidando-se como modos distorcidos de adaptação. Quanto mais cedo no desenvolvimento as perturbações

ocorrerem e quanto mais acentuadas as distorções em relação ao curso normal desse desenvolvimento, mais grave será a patologia (Blatt, 1990).

Funcionamento Psicótico	Funcionamento Borderline	Funcionamento Neurótico
Distúrbio na constância Libidinal	Distúrbio na constância evocativa	Distúrbio na qualidade das relações interpessoais e no sentido do self (dimensões anaclítica e introjectiva)

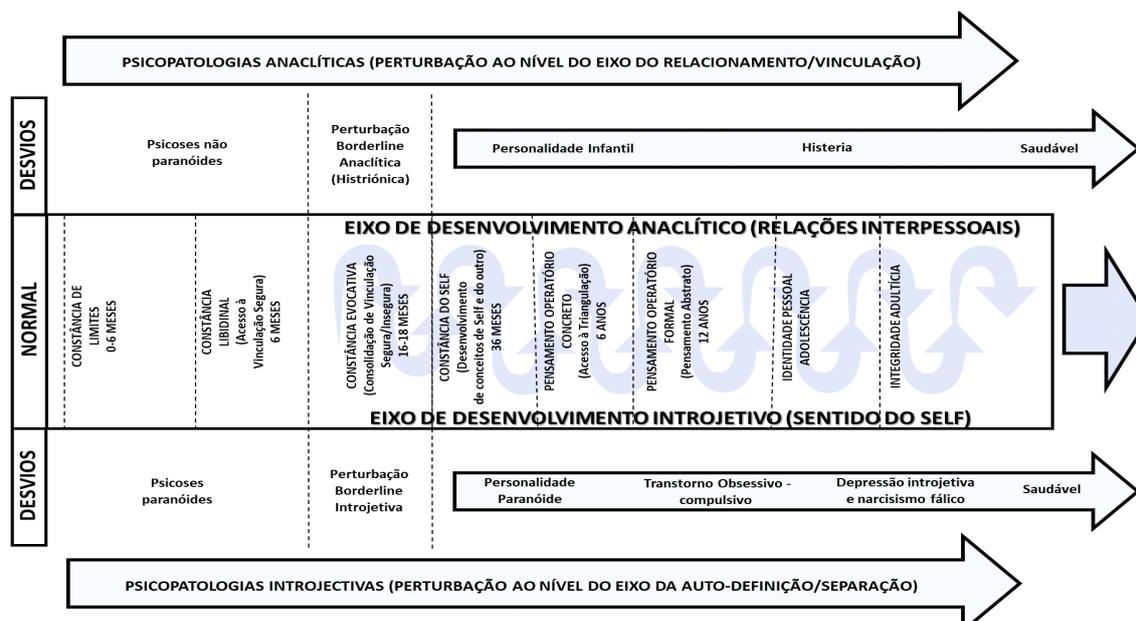


Figura 3- Modelo de Desenvolvimento Psicopatológico segundo Blatt (adaptação da autora)

MODELO TECTÓNICO: ANALOGIA ENTRE FUNCIONAMENTO DA TERRESTE E MENTAL

Na nossa perspetiva, o pensamento de Blatt é uma proposta inovadora baseada na integração dos principais conceitos de Freud e Kohut, numa perspetiva desenvolvimentista. Respeitando tanto a dimensão intrapsíquica, retomando os conceitos freudianos, como a intersubjetiva, herdeira das teorias relacionais e da vinculação.

Consideramos que a analogia entre a Terra e o Self, por nós anteriormente ilustrada pelo modelo tectónico, pode bem expressar essa integração dos modelos pulsional, focado na fonte que gera o desenvolvimento, e relacional, que sublinha as relações objetais como determinantes para esse mesmo desenvolvimento, levando-nos a propor acrescentar uma nova configuração da personalidade – a mista- às duas propostas por Blatt- anaclítica e introjetiva-, assim como a alargar o

conceito de sublimação a três tipos, correspondentes às respectivas configurações da personalidade.

Convidamo-los assim a uma viagem espacial onde poderão olhar o dinamismo da Terra (polo pulsional) em relação com o inseparável Universo (polo objetal) exemplificando a nossa leitura integrativa das ideias expostas.

Girando à volta do sol e à volta de si própria, transformando-se lenta e harmoniosamente, a Terra desvela como se pode conceber o desenvolvimento da personalidade nessa articulação contínua dos polos pulsional e objetal.

No movimento de rotação, linha da auto-definição ou da separação, o sujeito gira à volta de si próprio, constituindo o lugar onde olha para dentro de si (dimensão introjetiva da personalidade) e onde se desenvolve ou adoce o seu narcisismo, consoante a experiência relacional da translação.

No movimento de translação, linha do relacionamento ou da vinculação, o eixo é desenvolvido à volta do sol, matriz relacional inicial, que progressivamente dará lugar a uma cada vez mais complexa multiplicidade de relações (Universo) que vão ocupando o espaço desenhado por tal eixo.

O sistema solar representaria assim a área conhecida, em crescente desenvolvimento e o resto do universo representaria o desconhecido, relativamente ao qual Bion tanto nos desafia a amar entusiasticamente.

Aquilo que cada indivíduo é, no campo observável, seria representado pela costa terrestre, num dinamismo contínuo entre o seu interior - manto e núcleo- e a realidade exterior – atmosfera e sistema solar/Universo. Tal como a crosta em constante renovação pela influência dos ciclos tectónicos, do vulcanismo, da erosão e sedimentação, a mente e a personalidade humana, através de dinamismo equivalente, se desenvolveria e transformaria, num movimento expansivo de equilíbrio, ora mais voltada para os outros, com expressão máxima nas elevações montanhosas da crosta, ora com maior retraimento narcísico, nas depressões protegidas pelo oceano.

Essas transformações progressivas, determinadas pelas interações com o outro/realidade externa, também poderiam ser representados por esta analogia entre o self e o nosso planeta, através da dinâmica tectónica movida pelas correntes de convecção. As suas zonas divergentes ou assimilativas seriam equivalentes aos movimentos de expansão despoletados principalmente por Eros e as zonas convergentes ou de subducção identificadas com movimentos de retraimento defensivo, mais associados a Tanatos.

A anatomia da mente humana seria assim comparável à da Terra, distribuída por diferentes camadas de profundidade, desde a crosta, fronteira de contacto com a realidade externa até ao âmago da sua interioridade.

Recordando o modelo freudiano do Iceberg a crosta terrestre representaria o Superego, ou num adulto saudável a sua Ética Pessoal, expressão que cada vez mais expressa, no nosso ponto de vista, a consolidação dessa instância inicial do desenvolvimento, sempre em interação com o Ego. A Litosfera corresponderia ao Ego e a Astenosfera, o manto inferior e o núcleo ao ID. O dinamismo tectónico, promovido pelas correntes de convecção e ativado pelas pulsões de vida e de morte, Eros e Tanatos, consoante as experiências emocionais, movimentaria Ego e Superego (ética pessoal) entre a superfície e o interior conferindo-lhes a plasticidade de poderem funcionar aos três níveis de profundidade – consciente, pré-consciente e inconsciente – enquanto o ID se manteria sempre ao nível inconsciente, aumentando a inacessibilidade com a profundidade.



Figura 4- Modelo de equivalência entre a topografia mental Freudiana e a terrestre

A superfície da crosta continental representaria o lugar do sujeito inter-relacional, em relação com os outros e com a cultura (sistema solar/universo) enquanto na crosta oceânica estaria mais em relação consigo próprio. As zonas divergentes remeteriam para a confrontação do self com o ambiente/objeto, pondo em ação as pulsões imbrincadas nos seus diferentes níveis de saturação, através de mecanismo análogo às correntes e células de convecção. As experiências novas com a realidade, fenómeno divergente de crescimento fortemente investido por Eros, fariam disparar o sinal de perigo, decorrente do conflito e eventual sofrimento associado, entre o modo antigo e o modo novo em integração, acionando medidas protetoras desse estado conflitivo intolerável, por subducção (crosta oceânica), processo mais defensivo ou condensação(crosta continental), processo mais adaptativo.

Nesse processo defensivo, o alarme acionaria as células de convecção que libertariam a pulsão homeostática Tanatos, que se reforçaria na fusão com Eros, afundando a parte da placa que menos se adaptasse à situação, podendo dar origem a toda a gama de mecanismos de defesa, desde os mais maduros até aos mais primários, consoante a força, características da vivência, profundidade e fusão alcançadas.

No processo adaptativo haveria integração das novas experiências e transformações no psiquismo do sujeito.

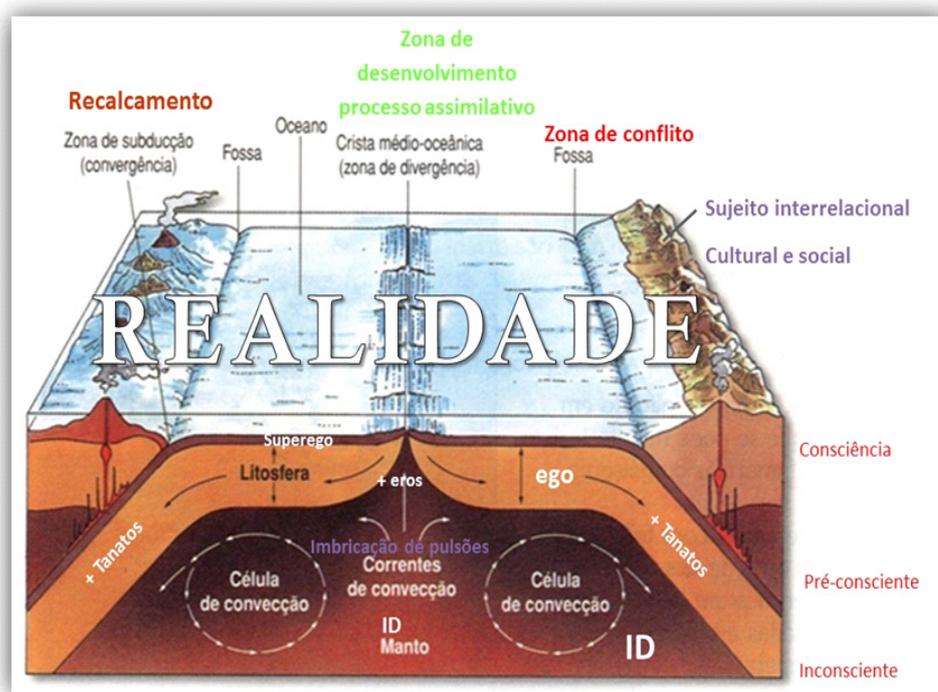


Figura 5- Modelo de equivalência entre a dinâmica do funcionamento mental e a dinâmica tectônica (adaptação da autora)

Recomendamos que imagine essa dinâmica visualizando o vídeo de Miranda (2013) recorrendo à analogia entre a topografia e a dinâmica do funcionamento mental e terrestre, tal como propostos nas figuras 4 e 5.

Da dinâmica tectônica resultaria que as características da personalidade corresponderiam às combinações minerais e texturas assumidas pelas rochas terrestres, determinadas pelo ciclo das rochas, nas transformações que sofrem ao longo do tempo geológico.

No caso das rochas existem três tipos de rochas: sedimentares, metamórficas e ígneas ou magmáticas, que se vão transformando na medida em que se alteram as suas condições de equilíbrio.

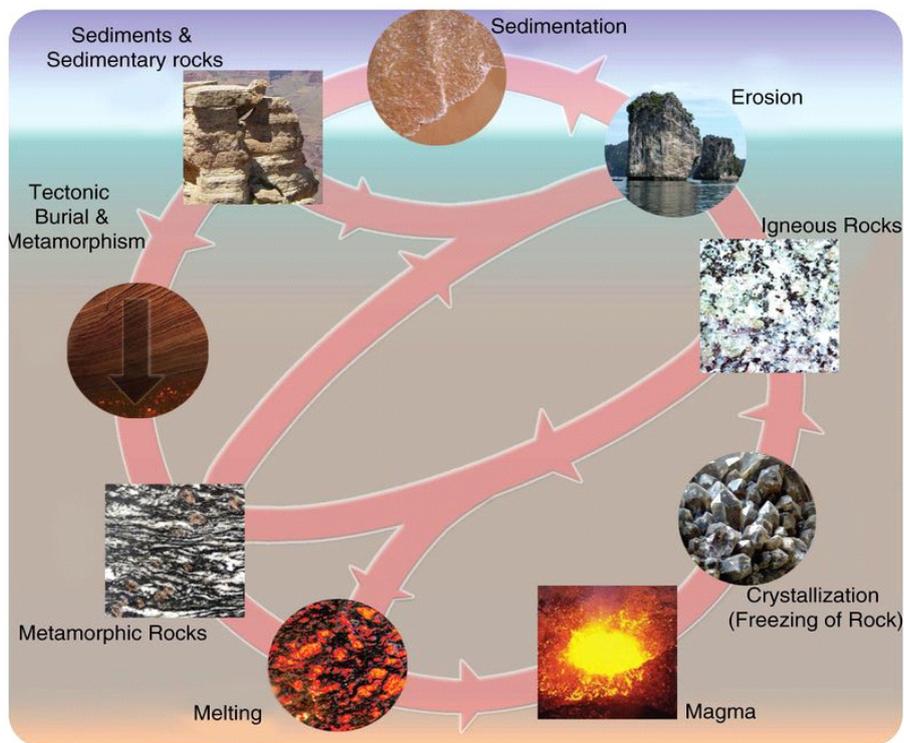


Figura 6- Ilustração Ciclo das Rochas segundo Toda Matéria [s.d.]

CONCLUSÃO

Quanto ao ciclo de vida humano também se poderiam considerar três tipos de configurações básicas da personalidade, as duas propostas por Blatt; da linha anaclítica (rochas sedimentares) e da linha introjetiva (rochas ígneas), às quais pensamos fazer sentido acrescentar as da linha mista self/objeto (rochas metamórficas).

Na nossa proposta, a configuração mista funcionará, desde o nível saudável ao mais patológico, com recurso a mecanismos de ambas as configurações anteriormente referidas, ao nível do funcionamento cognitivo, relacional e defensivo, em permanência ou alternadamente, não havendo, de modo significativo, predominância ou até constância de qualquer deles. Consideramos exemplos dessa configuração a patologia fóbica, a patologia bipolar e parte considerável das pessoas saudáveis e das pessoas criativas, que evidenciam traços de ambos os eixos self/objeto no seu funcionamento.

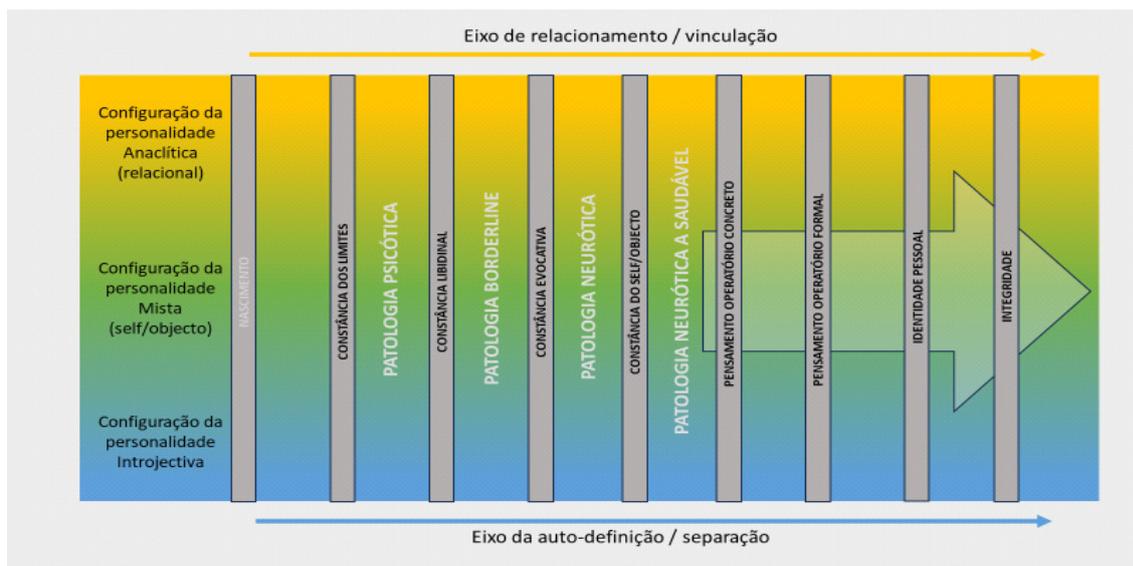


Figura 7- Modelo de Desenvolvimento dos três tipos de configurações de Personalidade proposto pela autora

Quando as experiências relacionais são adequadas à idade e capacidade de acomodação da criança (Blatt), dentro do nível da optimal frustration (Kohut) ou de estímulos adequados à filtragem do escudo protetor (Freud), originarão estilos relacionais e defensivos próprios, com algum desvio do curso desenvolvimental normal, mas sem patologia grave associada. O desenvolvimento destas pessoas irá consolidar modos defensivos tendencialmente mais maduros, representados por afundamentos parciais pouco profundos promovidos por Tanatos e retorno do afeto e/ou da representação à circulação mental operado pela imbrincação das pulsões Eros e Tanatos. Evidenciarão estilos de personalidade distribuídos entre as três configurações propostas: Introjativa, mista e anaclítica, num nível de funcionamento neurótico a saudável, uma vez que, depois da consolidação da constância evocativa(emergência da triangulação), a evolução do conceito de self e do conceito de outro decorre de forma interativa.

Pelo contrário, como Freud, Kohut e Blatt, consideramos que experiências traumáticas episódicas ou acumuladas, como por exemplo, perturbações disruptivas das relações da criança com as figuras significativas, bem como as dificuldades adaptativas delas decorrentes, poderão ser sentidos como um choque tão violento e disruptivo, que obrigará ao desligamento automático do sistema energético e ao uso e abuso de manobras compensatórias e defensivas inadequadas levando a desvios do desenvolvimento graves. Corresponderia ao afundamento muito profundo das rochas, que seriam parcialmente ou totalmente fundidas com outras partes existentes, no manto ou no núcleo, deixando rastros afetivos e/ou representativos confusos e desorganizados, ou até inexistentes.

Consoante a altura em que ocorreram essas experiências traumáticas, será diferente a gravidade da patologia. Assim, segundo Blatt (1991) distúrbios ao nível da constância dos limites, equivalente aos período pré-edipiano inicial de Kohut e ao estágio oral de Freud, associam-se a patologias psicóticas e perturbações ao nível da constância evocativa, equivalente aos período pré-edipiano tardio de Kohut e ao fim do estágio oral e início do estágio anal de Freud associam-se a patologias borderline.

Outras situações haverá em que os incidentes disruptivos, ainda que não representáveis, como quando o afundamento profundo das rochas (partes do self) deixa rastros afetivos e/ou representativos confusos e desorganizados, ou até invisíveis, poderão levar o indivíduo a desenvolver sintomas ou desvios consideráveis do desenvolvimento que não chegam a tornar-se patológicos, por ação da resiliência ou de outros fatores auto-reguladores, como por exemplo o processo de sublimação/criatividade.

De acordo com a qualidade do superego/ética pessoal, pressão interna, configuração do self e intensidade do choque haveria duas formas principais de processar esse fenómeno: pela des-sexualização da pulsão, separando a representação do afeto, mantendo este consciente, pelo recurso ao recalçamento e defesas dele derivadas, ou, sem des-sexualização, quando o sujeito é obrigado a empurrar toda a experiência e suas representações para o escuro interno, como blocos rochosos de brutal coesão e dureza. No primeiro caso falaríamos de mecanismos mais maduros como recalçamento, negação ou humor e no segundo caso de dissociação, projeção, denegação, fantasia, clivagem ou somatização.

Poderíamos comparar esses fenómenos ao impacto de um meteoro que explodisse contra a crosta, abrindo uma ferida dificilmente reparável.

Nessa situação de emergência, entraria em ação Tanatos, desligando o sistema e afundando a área danificada.

No caso do recalçamento e defesas derivadas mais maduras, tudo aconteceria a um nível menos profundo, a representação seria afundada, libertando energia não vinculada que seria canalizada para a superfície pela imbrincação de Tanatos e Eros, tendendo a religar o sistema de modo a fazer entrar novamente na cadeia associativa da representação, ainda que deslocado, o conteúdo intolerável. Este caminho mais maduro e considerado mais nobre, seria o da sublimação, tal como Freud a concebeu inicialmente, com recurso ao recalçamento e des-sexualização da pulsão, tornando o produto final mais aceitável para o próprio, também enquanto obra socialmente aceitável.

Quanto aos mecanismos defensivos menos maduros, o afundamento das emoções e representações da experiência seria muito mais profundo, fundindo-se com outras partes do self inconscientes, até que Eros se imbricasse com Tanatos

pelo dinamismo da convecção, tomasse uma porção desse nova parte fundida e a transformasse, sem chegar a ser consciencializada, em obra, sentida como uma necessidade de se expressar, sem ansiedade mas com expressão impulsiva, diferente de quando há recalçamento e ansiedade/desconforto emocional que produz a obra para alívio dessa ansiedade (energia não vinculada).

Consideramos esta variante de sublimação enquadrada pelo alargamento daquele conceito proposto por Freud (1913) em “Totem e Tabu”, considerando que a sublimação não obrigará necessariamente ao recalçamento, ao contrário de outras formações sintomáticas, podendo suspendê-lo sem des-sexualização da pulsão, criando um novo objeto de investimento, esse sim des-sexualizado ou desligado da libido(1915).

Afirmando que o processo de sublimação está diretamente ligado ao funcionamento pulsional e ao self idealizado através do ideal do eu, Freud(1914) abre caminho a compreender o dinamismo deste processo sublimatório menos maduro como um fenómeno mais ligado à configuração introjetiva da personalidade.

Esta perspetiva é consistente os resultados de alguns estudos que tentaram relacionar estilos de defesa e criatividade que apontam para que as pessoas mais criativas não recorrem ao recalçamento mas, complementarmente, a uma ampla gama de outros mecanismos de todos os níveis de funcionamento, desde os mais primitivos aos mais maduros, principalmente a sublimação (Cramer, 1987; Culbertson, 1995; Domino & Al, 2002; Elal, & Slade, 2005; Goertzel & Goertzel,1962; Miotto, 2005; Ogawa & Al,1997; Vaillant, 1971, 1986, 1993; Waller & Al, 1996; Weine, 1996; Thomson & Al 2009).

Acreditamos que as pessoas criativas possuem uma predisposição criativa inata, manifesta numa necessidade primária de se expressarem e não tanto de comunicarem , mais associada ao polo introjetivo, que, consoante o percurso de desenvolvimento poderá ir integrando, em maior ou menor grau, a dimensão anaclítica, na procura de reconhecimento e aceitação social. Dependendo do código genético, estaria mais presente numas pessoas do que noutras, associada a maior dinâmica da expressão de Eros, podendo ser mais ou menos desenvolvida consoante as oportunidades oferecidas pela vida.

Temos defendido ainda que, quando o corpo ou a mente são expostos a condições desfavoráveis, esta pré-disposição seria hiper-estimulada, desenvolvendo-se de diferentes modos e profundidades, em compensação à dimensão do fenómeno traumático. Consideramos que esses conteúdos, mais ou menos, inconscientes, podem ser expressos através de uma espécie de vínculo criativo, que ligaria diferentes materiais inconscientes num produto artístico final. Este processo associativo da cadeia simbólica seria mais consciente do que um sonho, mas ainda

não pensável. Não acederia ao pensamento reflexivo (consciente), mas situar-se-ia a nível imediatamente inferior ao pensamento reflexivo, próximo do onírico.

Quando a dor é da ordem do insuportável, para a tornar tolerável, é necessário, naquele momento afundar, pelos mecanismos defensivos e compensatórios disponíveis e automáticos, a parte inaceitável, seja através do recalçamento, seja por outros mecanismos defensivos menos maduros e drásticos.

Se pensarmos, como Freud que a sublimação, processo ligado diretamente à pulsão e ao self idealizado através do ideal do eu, não obriga ao recalçamento nem à des-sexualização da pulsão, mas pode religar o sistema, pela criação de um novo objeto de investimento des-sexualizado (a obra), compreenderemos como os mecanismos internos (correntes de convecção) podem ativar a pulsão de vida para se imbricar novamente com Tanatos, religando a energia livre ao circuito dos objetos.

Como Freud, também Blatt (2008) considera a sublimação, um dos mecanismos defensivos mais maduros e um exemplo, de elevado desenvolvimento e integração das duas linhas de desenvolvimento, produzindo uma resposta socialmente ajustada (dimensão anaclítica) e satisfatória para o próprio (dimensão introjetiva).

Consistente com essa plasticidade defensiva, a ideia de Blatt de que o recurso ao mecanismo de defesa sublimação, poderia resultar numa resposta mais ou menos integrada de auto-satisfação (dimensão introjetiva) e aceitação social (dimensão anaclítica), leva-nos a pensar que o ato criativo pode também ser visto, tendendo mais para o polo introjetivo, como um movimento de satisfação da pulsão deslocada (não des-sexualizada e sem recalçamento) ao serviço do ideal do eu, ou, tendendo mais para o polo anaclítico, como uma manobra de sedução para conquistar a aprovação social (com des-sexualização da pulsão e recalçamento).

Assim, do nosso ponto de vista, não se poderia falar de um só tipo de sublimação, mas de três, à imagem das três configurações de personalidade propostas, a sublimação de tipo introjetivo, a de tipo anaclítico e a de tipo misto, consoante a predominância da linha de auto-definição, de relacionamento ou a da mistura das duas linhas de desenvolvimento.

Tal como as transformações da Terra são operadas e co-determinadas pelo encontro entre a dinâmica das suas forças interiores e o sistema solar/universo, também o desenvolvimento da personalidade é co-determinado pelo encontro entre a pulsão e o objeto, entre a dinâmica das forças internas e o sistema relacional numa procura contínua de equilíbrio indissociável dos polos que se atraem apaixonadamente.

Nesta novela, muitos estilos e graus de desenvolvimento se podem gerar, desde as patologias mais graves, até às compensações criativas mais belas.

Esta visão integrada e suas possibilidades de expansão da compreensão, permitirão, assim espero, um aumento da plasticidade terapêutica benéfica para o

planeta e para aqueles que, sofrendo, podem continuar a alimentar a esperança de encontrar o sentido do seu caminho na estrada da múltipla circulação afetiva.

Nesse sentido, queremos acrescentar uma ilustração clínica desta dinâmica, designadamente no que se refere ao conceito de sublimação introjetiva, para que melhor possamos integrar os novos vértices enquadrados neste olhar.

ILUSTRAÇÃO CLÍNICA DO CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO INTROJETIVA

P., descrito até aos 55 anos nesta exposição apresenta diagnóstico de esquizofrenia hiperealista e ideação paranóide e foi acompanhado por nós em psicoterapia psicanalítica bissemanal desde os 42 anos, enquadrando-se na caracterização da configuração introjetiva da personalidade.

P. evidencia preocupação excessiva com a autonomia, sente-se desvalorizado e expira frieza e agressividade, condicionando em grande parte a capacidade de estabelecer relações interpessoais de qualidade (Blatt, 1974).

O interesse centra-se sobretudo nas coisas e não nas pessoas, “nos pensamentos e realizações... e não nos sentimentos e relações” (Blatt, 1990).

O self é definido, não internamente, mas por contraste com os outros, construindo uma auto-imagem hiper-realista.

P. nasce numa família tradicional, quando o seu único irmão tem 2 anos. Os pais, ambos professores, vieram do interior para Lisboa à procura de novas oportunidades, tornando-se o pai um empresário de sucesso enquanto a mãe continuou sempre a exercer.

Das memórias de P. destacamos que aos 10 anos, visitando Paris com a família, se pôs a desenhar à vista Notre Damme e o Arco do Triunfo, suscitando o reconhecimento de outros turistas.

Diz não ter sido educado com hábitos de leitura, mas aos 15 anos costumava ir ao British Bar onde comprava e lia revistas e jornais Ingleses sobre música.

Aos 16 anos ouvia Eric Clapton e tentava reproduzir na viola as músicas que ouvia.

Aos 17 anos viaja pela Europa via Interail com um amigo, sofrendo pouco depois uma crise psicótica, passando a ser medicado até à atualidade. Envolve-se também nesse verão com uma hippie alemã, amiga do irmão, que visitou, sozinho, meses depois, na Alemanha.

Aos 20 anos estuda história de arte, que interrompe aos 24 anos, por engravidar acidentalmente uma fotógrafa que conhece numa exposição, começando a trabalhar na galeria de arte que o pai funda para o ocupar e empregar. Vive 4 anos com a nova família, ficando depois a viver sozinho, sentindo-se desorganizar novamente.

Meses mais tarde, volta a viver com os pais, para se tentar reorganizar, ajudando o pai nas suas atividades empresariais.

Aos 34 anos consegue lugar como vendedor numa livraria, onde se sente como peixe na água, mas entra em conflito 6 anos depois, quando pretendem reduzir horário para meio tempo, situação que não aceitou, tendo recorrido ao advogado do pai.

Este interveio no sentido da resposta mais favorável, que P. considera não ter aprovado, acusando o pai e o advogado de agiram deslealmente e contra a sua vontade, despoletando forte ideação paranoide.

Depois deste episódio começou a somatizar com manifestações de eczema, dificuldades respiratórias, náuseas e vômitos. Inicia processo terapêutico conosco, depois de se ter desorganizado numas férias em Amesterdão, sozinho e sem medicação.

PRIMEIROS SEIS ANOS - GRANDE IMPASSE RUMINANTE: REPETIÇÃO DA DESGRAÇA E A IMPOSSIBILIDADE DE ESCOLHER

Tudo é experimentado e repetido como um impasse, ruminante e sem possibilidade de saída. A inquietude e o agir permanente impedem-no de se manter sentado, deambulando pelo setting terapêutico, tal como na vida.

Queixa-se que não pode estar bem : sem emprego, sem namorada, a viver com os pais e ainda mais a traição do pai e do advogado (como um slogan que o define).

Não consegue decidir,: fazer ou não o teste de HIV , o de paternidade da filha(com quem pouco se relaciona por essa dúvida), trabalhar ou não com pai, vender ou não o carro, morar sozinho , mudar de psiquiatra ...

Na sessão, a palavra da terapeuta, gera um virar de costas e frases ou palavras, em tom mais baixo, tipo “estou exausto”, “fragmentado”, “farto disto tudo” ou simplesmente uma obscenidade, voltando depois à posição normal (como se nada tivesse dito).

Nessa ruminância impassada, parece esperar resposta da terapeuta para o orientar, mas contesta e descarta qualquer caminho que se encontre; sem aguentar a existência junto da terapeuta, não tolera a proximidade, oscilando entre o ódio à dependência e o sentimento de depender (pai/terapeuta).

Fechado em si, sem poder precisar do outro, ainda não consegue aceder à interdependência para crescer.

Positivamente salienta-se a diminuição significativa e progressiva dos sintomas somáticos nesta fase inicial da terapia.

ENTRE O 7º E O 10º ANO DE TERAPIA - TERAPEUTA COMEÇA A EXISTIR, MAS DE FORMA INCONSISTENTE E POR PERÍODOS ÍNFIMOS

Ainda que persista a dificuldade de assumir uma existência e um lugar, começa a reconhecê-la por instantes: “não quero falar disso...; já falámos sobre isso...”; toca a nova existência-lugar, mas foge para o lugar antigo, sem aguentar o lugar junto da terapeuta e dos outros, numa proximidade sentida como “sufocante”, mas vai diminuindo significativamente a necessidade de sair do espaço/relação para o exterior (janela).

Aceita trabalhar para a empresa do pai, onde se aproxima do designer, com quem desenvolve alguma atividade social. A permanência no escritório provoca-lhe vômitos e náuseas, indo para o carro até passar, voltando de seguida e permanecendo até voltar a sentir-se maldisposto. Como na sessão e na vida, ainda não suporta existir em continuidade.

Neste período, começa a mostrar escritos e desenhos, com expressões emocionais de sentimentos vários e de desejo, em modo toca e foge, sem nos entregar por mais de um minuto, e passando a funcionar em modo paranoide depois de os partilhar.

Diz que os cria como uma espécie de emergência, não sabe de onde vem, mas não é inspiração. “Uma vez até tive de sair da cama para ir escrever uma coisa que me apareceu na cabeça”.

Desta fase não conseguimos guardar nenhum dos materiais partilhados; da nossa memória reconstruída recriámos o escrito que reproduzimos de seguida e estes conjuntos de árvores caracterizadas por serem desenhadas em blocos, com cortes ao nível da cabeça e curtas expansões laterais (para os outros), bem representativas do desejo de se afirmar mas também ainda da dificuldade de se ver como ser separado e de existir em relação de proximidade sem medo de se perder.

Original	Tradução
It's a fine line, Between true and lie, It's a fine line, Between love and hate, It's a fine line, Between free will and fate.	Há uma linha fina, Entre a verdade e a mentira, Há uma linha fina, Entre o amor e o ódio, Há uma linha fina, Entre o livre arbítrio e o destino.
All you have to do is to follow your heart And life will be like a work of art (or everything will fall apart) It's a fine line between good and bad It's a fine line between wise and mad It's a fine line between serious and sad	Tudo o que tens de fazer é seguir o teu coração E a vida será uma obra de arte (ou tudo se demorará) Há uma linha fina entre o bom e o mau Há uma linha fina entre sábio e louco Há uma linha fina entre estar sério ou triste.

Original	Tradução
<p>It's a fine line, Between true and lie, It's a fine line, Between love and hate, It's a fine line, Between free will and fate.</p> <p>All you have to do is to follow your heart And life will be like a work of art</p>	<p>Há uma linha fina, Entre a <u>verdade</u> e a <u>mentira</u>, Há uma linha fina, Entre o amor e o <u>ódio</u>, Há uma linha fina, Entre o livre <u>arbitrio</u> e o <u>destino</u>.</p> <p><u>Tudo</u> o que tens de <u>fazer</u> é <u>seguir</u> o teu <u>coração</u> E a vida será uma obra de <u>arte</u></p>

Figura 8- Ramos de árvores com os troncos cortados e baixa ramificação (expansão)

11º AO 14º ANO DE TERAPIA... EXPRESSA-SE ... FINALMENTE!

Começa a existir no seu lugar e dá lugar aos outros; permanece!

É evidente uma diminuição progressiva do hiperealismo, da concretude, da retirada com medo de não se encontrar, concomitante com um aumento da autoconfiança e valorização pessoal, tornando-se cada vez mais apto a lidar com ambos os mundos- interno e externo.

Reencontra velhos e ganha novos amigos num café outrora frequentado, com quem fala à vontade em algumas áreas: música, literatura, história e arte.

Original	Tradução
<p>It's a fine line, Between true and lie, It's a fine line, Between love and hate, It's a fine line, Between free will and fate.</p> <p>All you have to do is to follow your heart And life will be like a work of art (or everything will fall apart) It's a fine line between good and bad It's a fine line between wise and mad It's a fine line between serious and sad</p>	<p>Há uma linha fina, Entre a <u>verdade</u> e a <u>mentira</u>, Há uma linha fina, Entre o amor e o <u>ódio</u>, Há uma linha fina, Entre o livre <u>arbitrio</u> e o <u>destino</u>.</p> <p><u>Tudo</u> o que tens de <u>fazer</u> é <u>seguir</u> o teu <u>coração</u> E a vida será uma obra de <u>arte</u> (ou tudo se demorará) Há uma linha fina entre o bom e o mau Há uma linha fina entre sábio e louco Há uma linha fina entre estar sério ou triste.</p>

Mas continua sempre receoso de ser descoberta a sua fragilidade: 55 anos, vive com os pais, não trabalha, não tem namorada, etc, etc, etc...

Permite-se reconhecer sentimentos por familiares e amigos e desejo por uma das pessoas do grupo, mas nem pensar em falar disso, “não quer perder uma amiga” ou então “não quer uma pessoa sempre agarrada ao copo”.

Escreve e desenha, experiências, desejos, contemplações, de que não é capaz de falar doutra maneira, como neste escrito em que fala do desejo por uma italiana que conheceu numa discoteca.

Ou como estas árvores dançantes, com diferentes graus de intimidade entre elas, em claro movimento interativo e perspectiva, partilhadas no início desta fase, tão diferentes das da fase anterior, repetidas, coladas mas sem interação.

Original	Tradução
It's a fine line, Between true and lie, It's a fine line, Between love and hate, It's a fine line, Between free will and fate.	Há uma linha fina, Entre a verdade e a mentira, Há uma linha fina, Entre o amor e o ódio, Há uma linha fina, Entre o livre arbítrio e o destino.
All you have to do is to follow your heart And life will be like a work of art (or everything will fall apart) It's a fine line between good and bad It's a fine line between wise and mad It's a fine line between serious and sad	Tudo o que tens de fazer é seguir o teu coração E a vida será uma obra de arte (ou tudo se demorará) Há uma linha fina entre o bom e o mau Há uma linha fina entre sábio e louco Há uma linha fina entre estar sério ou triste.

Figura 9- Expressão de árvores dançantes

Começa a mostrar-se mais tolerante e comunicativo com as pessoas significativas: ajuda a mãe; ouve o pai e as suas memórias “o que não seria mau se não fosse tão repetitivo”, e consegue construir uma boa relação com a filha (jantam fora regularmente e diz serem amigos)

Vai afirmando não haver tanto espaço para a necessidade de se expressar através da escrita ou do desenho.

Confessa que às vezes se sente farto dos outros, reconhecendo no entanto sentir-se resignado com a vida e ter razões para estar grato, ainda que se pergunte também “...entre tanta gente, porquê eu?”, parecendo poder tocar a tristeza.

Ao longo deste período vai diminuindo progressivamente a necessidade de expressão criativa: “quando me sinto stressado ou com angústia toco um pouco de viola ou então basta comprar e ler o “timeout” e sinto-me aliviado”.

Já pode expressar verbalmente os seus afetos, os seus receios, os seus desejos, a sua tristeza, sendo capaz de fazer humor, brincar com as palavras, enfim, aceitar a interdependência como um espaço de crescimento e satisfação interpessoal: ... “mas suas férias com quem é que eu vou conversar sobre as minhas coisas?”.

“As árvores representam o contacto com natureza ou com minha própria natureza e também o contacto com outros e com o exterior; dão frutos, mas precisam ser cuidadas. É uma troca!”

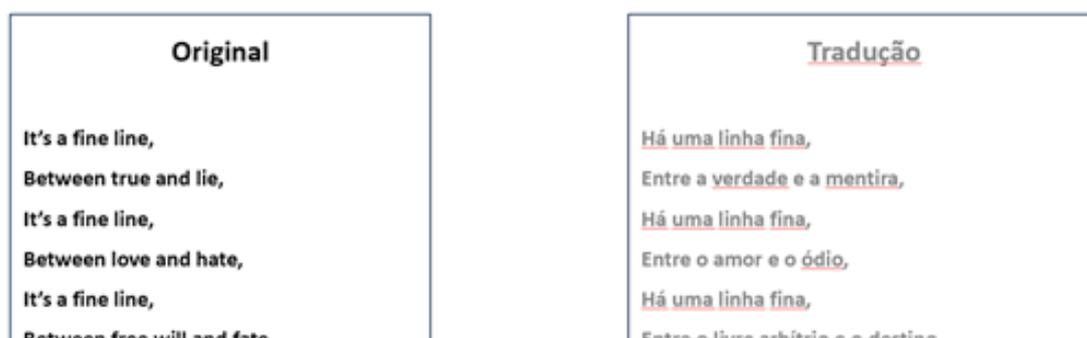


Figura 10- Árvores Individuadas crescendo através da expansão das trocas verdejantes com o outro, francamente vitalizadas, favorecendo a consolidação identitária e autonomização na sua diferença

E como esta troca tem crescido e feito crescer, acrescentamos nós, a caminho de uma individuação cada vez mais relacional e diferenciada.

Da concha autística inicial de onde partimos, atravessámos uma floresta de clones, que se foi progressivamente individuando e diferenciando, alcançando finalmente a aptidão de existir em relação!

O nosso pressuposto de que as pessoas criativas possuem uma predisposição criativa inata, mais associada ao polo introjetivo, parece confirmar-se nesta ilustração clínica, evoluindo progressivamente até à partilha relacional com prazer e possibilidade de se sentir apreciado e reconhecido.

Quando a tensão e o sofrimento são da ordem do impensável e do intolerável, onde nem o afeto fica acessível, surge a emergência de expressar o que está dentro, como uma explosão, que atinge o pré-consciente, numa expressão equivalente ao sonho, que permitirá tolerar a dor. Será a expressão da sublimação introjetiva, sem des-sexualização da pulsão e sem recalçamento.

Com o desenvolvimento da experiência da nova relação o outro passa progressivamente a ter lugar, acrescentando a dimensão anaclítica e a possibilidade do prazer da troca e do reconhecimento, através da expressão criativa.

Está no caminho de um funcionamento misto, com a integração progressiva da dimensão relacional e todas as mudanças que isso implicará no funcionamento psicológico geral, no estilo defensivo global, na qualidade das representações da relação de objeto, na aprendizagem de novos reportórios de comportamento, incluindo as relações interpessoais, evitando o isolamento (Blatt & Lerner, 1983).

Referências bibliográficas

BLASS, Rachel, BLATT, Sidney. Attachment and separateness: A dialectic model of the products and processes of development throughout the life cycle. **Psychoanalytic Study of the Child**, v. 45, p. 107-127, 1990.

BLASS, Rachel, BLATT, Sidney. Attachment and separateness: A theoretical context for the integration of object relations theory with self Psychology. **Psychoanalytic Study of the Child**, v. 47, p. 189-203, 1992.

BLASS, Rachel, BLATT, Sidney. Attachment and separateness in the experience of symbiotic relatedness. **Psychoanalytic Quarterly**, v. 65, p. 711-746, 1996.

BLATT, Sidney. Interpersonal relatedness and self-definition: Two primary configurations and their implications for psychopathology and psychotherapy. In SINGER, Jerome (Ed.). **Repression and dissociation: Implications for personality theory, psychopathology, and health**. Chicago, University of Chicago Press, 1990, p. 299-335.

BLATT, Sidney. A cognitive morphology of psychopathology. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 179, n. 8, p. 449-458, 1991.

BLATT, Sidney. Representational structures in psychopathology. In CICCHETTI, Dante & TOOTH, Sheree. (Ed.), **Rochester Symposium on Developmental Psychopathology: Emotion, Cognition, and Representation**. Rochester, NY: University of Rochester, 1995, p. 1-33.

BLATT, Sidney. (2008). **Polarities of experience**: relatedness and self-definition in personality development, psychopathology, and the therapeutic process. Washington, DC: American Psychological Association, 2008.

BLATT, Sidney, SHICHMAN, Shula. Two primary configurations of psychopathology. **Psychoanalysis and Contemporary Thought**. v.6, n. 2, p. 187-254, 1983.

Ciclo das Rochas. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/ciclo-das-rochas/>. Acesso em: 30 maio 2023

CRAMER, Phebe. The development of defense mechanisms. **Journal of Personality**, v. 55, p. 597– 614, 1987.

CULBERTSON, Roberta. Embodied memory, transcendence and telling: Recounting trauma, re-establishing the self. **New Literary History**, v. 26, n. 1, p. 169–195, 1995.

DOMINO, George, SHORT, Jeffrey, EVANS, Anna & ROMANO, Patricia. Creativity and ego defense mechanisms: Some exploratory empirical evidence. **Creativity Research Journal**, v. 14, p. 17–25, 2002.

ELAL, Guliz, & SLADE, Peter. Traumatic exposure severity scale (TESS): A measure of exposure to major disasters. **Journal of Traumatic Stress**, v. 18, p. 213-220, 2005.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago (Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 13), 1996 (1913).

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Rio de Janeiro: Imago (Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 14), 1996 (1914).

FREUD, Sigmund. **Instinto e suas vicissitudes**. Rio de Janeiro: Imago (Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 14). 1996 (1915).

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago (Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19). 1996 (1923).

GOERTZEL, Victor & GOERTZEL, Mildred. **Cradles of eminence**. Boston: Little Brown & Company. 1962.

GREEN, Andre. **Propédeutique: la métapsychologie revisitée**. Paris: Edition du Champ Vallon. 1995.

GREEN, Andre. **La pensée clinique**. Paris: Editions Odile Jacob. 2002.

GREEN, Andre. **André Green e a Fundação Squiggle**. Jam Abram (Ed.). (M. Lopes, trad.). São Paulo: Roca. 2003.

GREEN, Andre. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago. 2008.

KOHUT, Heinz. **A Restauração do Self**. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1988.

KOHUT, Heinz . **How does analysis cure?**. Chicago, IL: University of Chicago Press. 1984

KOHUT, Heinz. **Psicologia do Self e a Cultura Humana**. Porto Alegre: Artes Médicas e Persona. 1988

MIOTTO, Gabriella. Bearing witness and healing through creativity. **Family Medicine**, v. 37, p. 320–321, 2005.

MIRANDA, Paulo. **Tectónica de Placas - Parte II**. Lisboa: Lisboa-Miranda, 1 vídeo (10 min). 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9taN2Lz-dAw>>. Acesso em: 20 maio 2023.

OGAWA, John, SROUFE, Alan, WEINFELD, Nancy, CARLSON, Eve & EGELAND, Byron. Development and the fragmented self: Longitudinal study of dissociative symptomatology in a nonclinical sample. **Development and Psychopathology**, v. 9, p. 855 – 879, 1997.

THOMSON, Paula, KEEHN, Barry & GUMPEL, Thomas. Generators and interpreters in a performing arts population: Dissociation, trauma, fantasy proneness, and affective states. **Creativity Research Journal**, v. 21, n.1, p.72-91, 2009

VAILLANT, George. Theoretical hierarchy of adaptive ego mechanisms: A 30 year follow-up of men selected for psychological health". **Archives of General Psychiatry**, v. 24, p. 107–118, 1971.

VAILLANT, George (Ed). **Empirical studies of ego mechanisms of defense**. Washington, DC: American Psychiatric Press. 1986.

VAILLANT, George. **The wisdom of the ego**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1993.

WALLER, Niels, PUTNAM, Frank & CARLSON, Eve. Types of dissociation and dissociative types: A taxometric analysis of dissociative experiences. **Psychological Methods**, v. 1, p. 300-321, 1996.

WEINE, Stevan. The witnessing imagination: Social trauma, creative artists and witnessing professionals. **Literature and Medicine**, v. 15, p. 167–182, 1996.